



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Trágicos, mas alegres: um estudo sobre a afirmação do ser em Nietzsche e Clarice Lispector

Por: Rafael Lucas Santos da Silva

i3rafael@hotmail.com

Resumo

Evoca-se neste artigo a visão trágica do filósofo Nietzsche com propósito de abordar o romance *Uma Aprendizagem ou O Livro dos prazeres*, da escritora Clarice Lispector. A narrativa do romance apresenta a trajetória da personagem Loreley, sob a luz peculiar da aprendizagem. Esta personagem, que sofre crises de apequenamento do próprio ser e, por isso, sofre com a existência. Assim, a personagem Loreley simboliza um descontentamento com a realidade, que a luz da proposta filosófica de Nietzsche, representa uma supressão e decadência da vontade de potência. A aprendizagem de Loreley que compõe o romance, e que toma forma a cada capítulo, é mediada por Ulisses: um professor de filosofia que trouxera acuidade reflexiva para a vida de Loreley. Assim, Loreley depreende a condição trágica da existência, que a permite elevar seu grau de potência como autoafirmação da realidade, assumindo, por conseguinte, a vitalidade da alegria.

Palavras-chave: Clarice Lispector; Nietzsche; Coragem; Trágico; Alegria.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Resumen

Evoca en este artículo la visión trágica del filósofo Nietzsche con propósito de abordar la novela Una Aprendizaje o El Libro de Los placeres, de la escritora Clarice Lispector. La narrativa de la novela presenta la trayectoria de la personaje Loreley, bajo una peculiar luz del aprendizaje. Esta personaje, que sufre crisis de apequenamiento de ser sí misma y, por lo tanto, sufre con la existencia. Así, la personaje Loreley simboliza un descontentamiento con la realidad, que a luz de la propuesta filosófica de Nietzsche, representa una supresión y la decadencia de la voluntad de poder. El aprendizaje de Loreley que componen la novela, y que toma forma a cada capítulo, está mediada por Ulises: un profesor de filosofía que que había llevado a la agudeza reflexiva para la vida de Loreley. Por lo tanto, Loreley desprende de la condición trágica de la existencia, que permite elevar su nivel de poder como autoafirmación de la realidad, asumiendo, por tanto, la vitalidad de la alegría.

Palabras-clave: Clarice Lispector; Nietzsche; Coraje; Trágico; Alegría.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Introdução.

Embora Clarice Lispector tenha declarado no *Jornal Brasil* que não era uma intelectual¹, sua produção artística percorre o caminho da poética à filosofia. Ao longo de sua trajetória como escritora, o interesse de Lispector pela experiência existencial da vida humana foi uma temática constante em seus romances. “No universo da romancista, o ambiente é Espaço e o Espaço, meio de inserção da existência”, conforme Benedito Nunes (2009, p. 114).

Lispector publica, em 1969, o romance *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres* (daqui em diante LP), no qual os personagens percebem que é “insuportável imaginar por um instante que talvez nunca mais se repetisse a sua profunda existência na Terra” (LISPECTOR, 1982, p. 166). Mas estas personagens, ao contrário de manterem “esperança de uma outra vida que é preciso ‘merecer’, ou truque [...] que vivem não pela vida em si, mas por alguma idéia que a ultrapassa, sublima, lhe dá um sentido e a trai” (CAMUS, 2009, p. 22), decidiram manterem-se fieis ao real, como busca de realização de si próprios.

Mas, a questão da existência, é uma das reflexões mais perplexas que cavalga o pensamento humano desde o início da filosofia ocidental. A possibilidade de aferir um sentido para a existência é, para o filósofo Nietzsche, a indagação que tem

1 “Pois nem ao menos sou uma literata ou uma intelectual”, afirma Clarice Lispector em crônica de julho de 1968 (LISPECTOR, 1984, p. 158).

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

maior importância para filosofia (DELEUZE, 1976, p. 11). Para Nietzsche, no desabrochar da filosofia com Anaximandro os filósofos se refugiam da existência, e assim “todo vir-a-ser como uma emancipação do ser eterno [torna-se] digna de castigo” (NIETZSCHE, 2012, p. 50). Desta forma, ao propor uma filosofia que não se refugie da existência, “Nietzsche é o representante mais importante e efetivo do que poderia ser chamado uma ‘filosofia vida’. Vida, neste termo, é o processo no qual a potência do ser realiza a si próprio” (TILLICH, 1976, p. 24).

É certo, que a distância entre filosofia e literatura é mínima: são modos de dizer o mundo. Filosofia e Literatura – esse título do ensaio de Benedito Nunes, define a relação: “Mais do que aproximação, há contigüidade entre as duas, porquanto a filosofia explicita a experiência humana, concretizada, em linguagens diferentes, na literatura e na arte” (NUNES, 1993, p. 196).

Sugestivamente, no romance LP a personagem Loreley é aprendiz de seu amigo Ulisses, que é professor de filosofia na Universidade, e pretende ensinar-lhe a deixar de ser “fraca diante da beleza do que existia e do que ia existir” (LISPECTOR, 1982, p. 129). Assim, o propósito deste artigo é explorar “o que nos permite viver... o instinto de vida por excelência” (ROSSET, 2008, p. 7).

A rigor, pretendeu-se destacar a questão ontológica do ser como autoafirmação do indivíduo frente o acaso da



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

realidade, com o objetivo de interpretar o romance LP de Clarice Lispector, no qual a escritora descreve a necessidade de se ter coragem para se aprender o sentido ontológico da existência e, conseqüentemente, afirmá-la. A pergunta básica a ser respondida é, portanto, a seguinte: como é possível o indivíduo ter coragem para afirmar o acaso da realidade?

Ao tentar respondê-la utilizou-se da visão trágica do filósofo Nietzsche, para o qual o indivíduo somente assume a vitalidade da alegria, amando incondicionalmente a realidade. Assim, situou-se, em linhas gerais, na primeira seção o saber trágico do filósofo, em busca de conceitos instrumentais, para abordar na segunda seção o romance LP efetuando com proximidade um diálogo entre literatura e filosofia.

A existência e o conhecimento da realidade como coragem de afirmação do ser.

Há, segundo Nietzsche, uma degeneração ontológica que visa solapar a vida. O filósofo distinguia os homens “entre os amantes da vida e os que a renegam” (MERQUIOR, 1972, p. 184). Os indivíduos incapazes de amar a vida, com efeito, são aqueles que sofrem com a degeneração. Enquanto os amantes, são os indivíduos capazes de “dizer-sim sem reservas, até mesmo para o sofrimento, para a culpa, para tudo o que é discutível e estranho na própria existência...” (NIETZSCHE, 2012, p. 84). Esse amplo amor pela existência, que é por onde o indivíduo supera sua degeneração

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ontológica, para ser consumado, como adverte Nietzsche, “é preciso ter coragem” (NIETZSCHE, 2012, p. 84).

De acordo com Tillich, “a experiência da coragem mostrou ser uma chave decisiva para a aproximação ontológica da realidade” (TILLICH, 1976, p. 27). Para o autor, o ato de coragem desde o Império Romano atingiu a interdependência com a coragem de viver em sentido individualístico (TILLICH, 1976 p. 13). Assim, a coragem para os estóicos romanos, “vence a ansiedade do destino [...] afirmando sua participação na razão universal, o homem [...] transcende o domínio dos deuses” (TILLICH, 1976 p. 16). Tillich assinala a coincidência entre a coragem e a alegria no estoicismo, como

A afirmação do ser essencial de alguém [...] cria alegria. Lucio é exortado por Sêneca a fazer sua ocupação, o ‘aprender como sentir a alegria’. [...] A alegria é a expressão emocional de corajoso *Sim* ao verdadeiro ser próprio de uma pessoa. Esta combinação de coragem e alegria mostra mais claramente o caráter ontológico da coragem (TILLICH, 1976, p.15 Grifo do autor).

O termo usado por Nietzsche como base distintiva do amor pela existência é vontade de potência, que é “a autoafirmação da vontade como realidade básica” (TILLICH, 1976, p. 24). Assim, Nietzsche tornou-se “o representante mais importante e efetivo do que poderia ser chamado uma ‘filosofia da vida’”, porque “desenvolve uma profecia e filosofia de coragem, em oposição à mediocridade e decadência da vida [...]”



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

(TILLICH, 1976, p. 24, 25).

Desta forma, o indivíduo decadente apresenta um baixo grau de vontade de potência, que o faz levar uma “vida decadente, enfraquecida, cansada, condenada” (NIETZSCHE, 2000 p. 37). Conforme Moura, “o decadente é aquele para quem as impressões do exterior são recebidas como choques que provocam o sofrimento. Tal é a ótica da decadência: a realidade é fonte de sofrimentos” (MOURA, 2005, p. 243). Nessa perspectiva, surge “o homem trágico que é forte e pleno o bastante para afirmar o mais acerbo sofrer” (MOURA, 2005, p. 255). Pois a essência do trágico é a afirmação da existência (DELEUZE, 1976 p. 11).

Assim, a rigor, a coragem para que o indivíduo possa auto-afirmar sua vontade frente a realidade ocorre, justamente, quando este adotar uma postura trágica frente a vida. Essa postura trágica permitira ao indivíduo superar sua degeneração ontológica que o fazia ter uma vida decadente, na qual “a realidade é fonte de sofrimento” (MOURA, 2005 p. 243). De acordo com Rosset, existe uma fundamental relação entre a dor e o trágico. “Pois os dois temas – dor e trágico – são indissociavelmente unidos por uma relação de exclusão: se há trágico, não há dor”, explica Rosset (1989, p. 67, 68).

Portanto, ao assumir uma postura trágica frente a vida, o indivíduo exclui a dor e o sofrimento como fonte da realidade e passa a afirmar corajosamente a existência, porque o indivíduo com postura trágica reconhece que “o acaso não é



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

modificável” (ROSSET, 1989 p. 50).

Mais do que a exclusão da dor e do sofrimento, a postura trágica permite ao indivíduo o privilégio da alegria. Conforme Rosset, “a alegria consiste em uma aprovação irremediavelmente trágica” (ROSSET, 2000, p. 25). Para o autor, a alegria consiste na adesão incondicional do real,

O simples levar em consideração a realidade, o simples exercício da reflexão são suficientes aqui para desencorajar qualquer esforço – a não ser que se alie a ele a assistência da alegria [...]. Digo, portanto, que o complemento da alegria é necessário ao exercício da vida como ao conhecimento da realidade (ROSSET, 2000 p. 27).

Daí poder-se dizer que o indivíduo somente encontrará em si coragem para auto-afirmar a existência se adotar a postura trágica a despeito do acaso da realidade. Após adotar essa postura, “a alegria constitui a força por excelência” (ROSSET, 2000 p.29) para levar a cabo a coragem da autoafirmação de si próprio. De acordo com Nietzsche, “o dizer-sim à vida mesma ainda em seus problemas mais estranhos e mais duros; a vontade de vida, tornando-se alegre de sua própria inesgotabilidade [...]” (NIETZSCHE, 2000, p. 118).

O romance *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres* no limiar de uma formulação trágica da existência.

O significado da transição da condição do indivíduo para a modernidade corresponde, segundo Merquior, a uma

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

genealogia da solidão. “O isolamento seria o reverso da autovalorização do homem moderno, em sua vocação de liberdade tanto política quanto social e cultural”, explica o autor (MERQUIOR, 1972, p. 182). Esse indivíduo peculiarmente solitário é, com efeito, resultado de “estruturas racionalizadas da economia e do Estado moderno” (MERQUIOR, 1972 p. 196) que o decompõe em determinados papéis sociais. Conforme Merquior, a partir da Revolução Industrial os indivíduos na sociedade vivem em anonimato crônico.

A sociedade industrial, consagrando a separação entre o âmbito profissional e o círculo da vida privada, expondo o indivíduo, na multiplicidade de contatos sociais características da megalópolis, a uma contínua mudança de parceiros, leva a impessoalidade do comércio humano a seu ponto extremo. O *homo urbanus* é, na maioria esmagadora de seus contatos ordinários com seu semelhante, um outro anônimo e convencional: um átomo em trânsito, apenas antevisto (MERQUIOR, 1972, p. 145, 146).

De acordo com Nunes, encontra-se a personagem protagonista no romance LP imersa em uma “extrema solidão desagregadora” (NUNES, 1995, p. 78). O que faz com que o romance seja a “trajetória que a protagonista percorre da solidão à comunhão” (NUNES, 1995, p. 79). Para o autor, essa comunhão significa para a protagonista o retorno “a si mesma e à realidade” (NUNES, 1995, p. 78). Assim, a rigor, percebe-se que a protagonista deixa de ser “um átomo em trânsito” (MERQUIOR,



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

1972, p. 146), para auto-afirmar sua vontade frente a realidade.

A questão da realidade, como observa Bosi, tange incessantemente a produção ficcional da escritora Clarice Lispector, pois,

Há na gênese dos seus contos e romances tal exarcebação do momento interior que, a certa altura do seu itinerário, a própria subjetividade entra em crise. O espírito, perdido na memória e da auto-análise, reclama um novo equilíbrio [...] na esfera da sua própria e irredutível realidade (BOSI, 2006 p. 424).

Mas essa busca de aproximação ontológica com a realidade dificilmente é conquistada. Geralmente o indivíduo permanece em distância incomensurável do real; pois, como afirma Rosset, “nada mais frágil do que a faculdade humana de admitir a realidade, de aceitar sem reservas a imperiosa prerrogativa do real” (ROSSET, 2008, p. 13). Segundo Rosset, com exceção de Nietzsche, nenhum outro filósofo manteve “uma fidelidade incondicional à nua e crua experiência do real” (ROSSET, 2000, p. 35). Essa fidelidade ao real é consequência do arrogar uma postura trágica para si.

Assim, como evidencia Dias G., existem traços dessa postura trágica na obra ficcional da escritora, pois “Clarice vivencia intensamente o binômio literatura-filosofia antes como expressão natural de inquietações muito pessoais com as quais faz reverberar a ancestralidade da sabedoria trágica” (DIAS G.,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

2012, p. 13). Para o autor, Clarice Lispector e Nietzsche perpetram “uma mesma sacralização trágica da arte posta ela mesma como vida, arriscando-se ao conhecimento do obscuro no humano” (DIAS G., 2012, p. 20).

Aprendendo a alegrar-se

Segundo Benjamim, “escrever um romance significa descrever a existência humana, levando o incomensurável ao paroxismo” (BENJAMIM, 1994, p. 54). Esse paroxismo da existência é inegavelmente encontrado no romance LP de Lispector, pois ao iniciá-lo com uma vírgula, este romance não tem início. Esta vírgula inicial representa o corte temporal que introduz o leitor ao fluxo da intimidade da personagem Loreley: uma personagem que não vive, e sim, “sofre o susto de estar viva” (LISPECTOR, 1982, p. 156). Essa característica de Loreley, em assustar-se com a vida, é resultado da constante sensação de ser “apenas uma pequena parte de si mesma” (LISPECTOR, 1982, p. 43). É, pois, como uma crise de apequenamento que essa sensação apodera da personagem, e a torna “enfraquecida diante de qualquer possibilidade de agir” (LISPECTOR, 1982 p. 43). Ao contrário, para Nietzsche “o discernimento, o dizer-sim à realidade é, para o forte” (NIETZSCHE, 2012, p. 85).

A propósito destes sintomas, é possível afirmar que a existência de Loreley está em decadência. Conforme Moura, “a decadência deve representar o grau mais baixo da vontade de



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

potencia” (MOURA, 2005, p. 240). Suprimida a vontade de potencia, a realidade só pode ser apreendida através do sofrimento. Assim Loreley “por falta de grandeza, sofrera [...] tudo o que nela havia a sofrer” (LISPECTOR, 1982, p. 69).

De acordo com Nunes, “a história dos personagens enquanto indivíduos é, para Clarice Lispector, um meio de acesso à dimensão recôndita, secreta, da existência, que já possui significado ontológico” (NUNES, 2009, p. 116). E este mesmo fenômeno que vai se revelar no romance LP é, por sua vez, encarado sob uma luz peculiar: a saber, a aprendizagem. Encontra-se a questão do aprendizado já ao início do romance, em que Loreley “supôs que ele [Ulisses] queria ensinar-lhe a viver sem dor apenas” (LISPECTOR, 1982, p. 11). Assim, “a obra se compõe da aprendizagem que nela vai tomando forma” (NUNES, 1995, p. 81), a partir da articulação mediadora de Ulisses. Pois Loreley

Se transformava em ínfimo corpo vazio e doloroso, apenas isso. E ela ansiava por ele [Ulisses] porque exatamente ele lhe parecia ser o o limite entre o passado e o que viesse – o que viria? (LISPECTOR, 1982, p.41).

Ulisses surge na vida de Loreley como mediador de sua aprendizagem. A acuidade reflexiva passa, a partir de então, a ser cultivada por Loreley, pois antes de conhecê-lo “não tinha a fazer senão dar aulas de manhã no curso primário ou então estar de férias como agora, ler um pouco, como e dormir” (LISPECTOR,



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

1982, p. 41). Por definição, os encontros entre os dois personagens são marcados por um descortínio silencioso; Ulisses diz: “não tenha medo de meu silêncio...” (LISPECTOR, 1982, p. 73). Como uma silenciosa adesão a vida.

E Lóri pensou que talvez essa fosse uma das experiências humanas e animais mais importantes: a pedir mudamente socorro e mudamente esse socorro ser dado. Pois, apesar das palavras trocadas, fora mudamente que ele [Ulisses] a havia ajudado (LISPECTOR, 1982 p. 135).

O silêncio, nesse extremo limite, é porque “as palavras são falsas pontes entre coisas eternamente separadas”, segundo Nietzsche (NIETZSCHE, 2008, p. 136). Rosset propõe que as raízes do pensamento trágico está em negar a expressão verbal. “É trágico o que deixa mudo todo discurso, o que se furta a toda tentativa de interpretação [...]. O trágico é então o silêncio”, explica o autor (ROSSET, 1989, p. 65). Lispector insiste no silêncio que sempre acompanha a aprendizagem de Loreley: “as descobertas naquele estado eram indizíveis e incomunicáveis. Ela se manteve sentada, quieta, silenciosa” (LISPECTOR, 1982, p. 148).

De acordo com Dias G., “pensar Clarice na companhia de Nietzsche é, sobretudo, perceber os ecos de uma filosofia trágico-poética” (DIAS G., 2012, p. 20). Encontra-se, dessa forma, no romance LP “os ecos de uma filosofia trágico-poética” (DIAS G., 2012, p. 20) em relação ao aprendizado de Loreley. A personagem representa o descontentamento com a realidade.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Ulisses revela para Loreley: “É que você só sabe, ou só sabia, estar viva através da dor” (LISPECTOR, 1982 p. 97). Conforme Rosset, “no que diz respeito ao conhecimento do trágico, sabemos que ele não é considerado por Nietzsche como uma mutilação da alegria” (ROSSET, 2000, p. 43). Assim o autor admite, que para Nietzsche, todo pensamento sem conhecimento trágico apenas condena a realidade (ROSSET, 2000, p. 43). Portanto, a vida de Loreley, antes de conhecer Ulisses, era o distanciar-se da realidade: “entrou em casa como uma foragida do mundo. Era inútil esconder: a verdade é que não sabia viver” (LISPECTOR, 1982, p. 93).

Com efeito, após longo diálogo entre as duas personagens, que se encontraram em um bar, o ponto crucial da questão é exposto. Procurando esclarecer Loreley sobre a aprendizagem, Ulisses declara: “quando você aprender vai ver o tempo que perdeu. A tragédia de viver existe e nós a sentimos. Mas isso não impede que tenhamos uma profunda aproximação da alegria com essa mesma vida” (LISPECTOR, 1982, p. 103). Para Rosset,

A força do pensamento trágico está então ligada de maneira solidária à força da aprovação, da qual ela não pode experimentar a potência senão na medida da tragédia: uma e outra perecerão juntas, ou continuarão a viver juntas. [...] O que define o máximo de alegria pensável é, com efeito, o máximo de trágico pensável (ROSSET, 1989, p. 55).

Assim, a rigor, a aprendizagem da personagem Loreley



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

consiste em alegrar-se com a vida. Essa alegria, por sua vez, só pode ser apreendida na medida em que ocorre a valorização da vida. Em deixar que a vida deixe de ser um estreitamento em seu peito (LISPECTOR, 1982, p. 40) – isto é, que tenha coragem de amar a vida incondicionalmente. Pois

Se não há coragem, que não entre. Que espere o resto da escuridão do silêncio, só os pés molhados pela espuma de algo que se espraia de dentro de nós. Que se espere (LISPECTOR, 1982, p. 38).

Sem coragem, portanto, o indivíduo espera sempre imerso na dor. Segundo Tillich, “a coragem como autoafirmação do ser de alguém é um conceito ontológico” (TILLICH, 1976, p. 06). Dessa forma, o ato de coragem busca superar a decadência vivida pela personagem Loreley. Para Tillich, sempre há algo para impedir o ato de coragem, por isso “coragem é autoafirmação a despeito de” (TILLICH, 1976, p. 26). Esse “a despeito de”, para que seja realizado o ato de coragem é, no romance LP, a própria Loreley: “existe um grande, o maior obstáculo para eu ir adiante: eu mesma. Tenho sido a maior dificuldade no meu caminho. É com enorme esforço que consigo me sobrepor a mim mesma” (LISPECTOR, 1982, p. 84).

Vê-se, pois, que essa compreensão engendra o próprio ato de coragem. Loreley sente “uma força que mais parecia uma ameaça contra o que ela fora até então” (LISPECTOR, 1982, p. 76). Em outras palavras, Loreley sentiu uma vontade de potência que procura superar a si mesma, enquanto indivíduo decadente, e

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

aproximar-se ontologicamente da realidade.

Esse sentimento é decisivo, pois, a personagem passa a obedecer a seus impulsos. Uma situação particular é Loreley ter ido ao mar – “e em jejum mesmo” (LISPECTOR, 1982, p. 82). Por isso, “a mulher não está sabendo: mas está cumprindo uma coragem. [...] A coragem de Lóri é a de, não se conhecendo, no entanto prosseguir, e agir sem se conhecer exige coragem” (LISPECTOR, 1982, p. 84).

Esse encontro com o mar, “que aumenta sua coragem” (LISPECTOR, 1982, p. 84), é um prolongamento de seu agora novo sentimento de afirmação da vida. Para Nietzsche, “enquanto a vida *está em ascensão*, a felicidade é igual aos instintos” (NIETZSCHE, 2000, p. 23, grifo do autor). Dessa forma, Loreley percebe “uma alegria fatal – a alegria é uma fatalidade” (LISPECTOR, 1982, p. 98). Percepção da qual pode-se conceber a fatalidade da alegria como resultado da afirmação do seu ser, pois “pelos minutos de alegria por que passara, Lóri soube que a pessoa devia deixar-se inundar pela alegria aos poucos – pois era vida nascendo” (LISPECTOR, 1982, p. 133).

Assim, a rigor, a alegria é experiência privilegiada no processo de aprendizagem da personagem, porquanto com ela a vida nasce, – mais precisamente, ocorre a elevação do grau de potência. Desse modo, Loreley reconhece não ser possível alegrar-se desvalorizando a vida, por isso “sua busca não era fácil. Sua dificuldade era ser o que ela era, o que derrepente



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

se transforma numa dificuldade intransponível” (LISPECTOR, 1982, p. 139). Para Nietzsche, o grau de potência que o indivíduo manifesta ao superar-se, é a valoração da vida necessária para aproximar-se da realidade (NIETZSCHE, 2000, p. 72, 73). O princípio dessa superação da decadência, para atingir o nível de autoafirmar a sua vontade frente a realidade, é demonstrada pela narrativa quando Loreley tem a lucidez de trocar “uma eternidade de depois da morte pela eternidade enquanto esta viva” (LISPECTOR, 1982, p. 172).

Com efeito, como assinala Nunes, “o livro dos prazeres é [...] uma recuperação corajosa do sentido da existência individual” (NUNES, 1995, p. 81). Por conseguinte a essa lucidez, Loreley se torna uma supermulher: por ter “a coragem de atravessar a porta aberta” (LISPECTOR, 1982, p. 168).

Considerações Finais.

Certas particularidades do processo de aprendizagem narrados por Clarice Lispector, que estruturam as experiências da personagem Loreley, encontram na proposta filosófica de Nietzsche possibilidades de serem interpretadas. A romancista expõe o dilaceramento do ser e a queda no sofrimento como traços individuais da existência. Esses traços, como sentido ontológico da existência humana, caracterizam a abordagem construída e discutido neste artigo, possibilitando efetuar um diálogo com extrema proximidade entre literatura e filosofia.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Em toda narrativa da aprendizagem de Loreley foi possível depreender uma correspondência a manifestações da vontade de potência. Antes de conhecer Ulisses, a realidade era apreendida através do sofrimento, por consequência de sua vontade de potência estar no mais baixo grau. Segundo Nietzsche, apenas é possível superar o descontentamento com a realidade, afirmando-a incondicionalmente.

A aprendizagem de Loreley consiste, portanto, na superação de si, como elevação do grau de potência que a permitiu aproximar-se ontologicamente da realidade. Aproximação, porém, realizada apenas após o conhecimento do trágico da existência. É, pois, com a coragem de aceitar a condição trágica que ocorre a superação de si; superação que permite Loreley alegrar-se com a vida.

Referências

- BENJAMIM, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CAMUS, A. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.
- DIAS G., C. **Clarice Lispector e Nietzsche: um caso de amor fati**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2012.
- LISPECTOR, C. **Uma Aprendizagem ou O livro dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- _____. **A Descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- MERQUIOR, J. G. **Saudades do Carnaval: Introdução à crise da**



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

- cultura**. Rio de Janeiro: Forense, 1972.
- MOURA, C. A. R. **Nietzsche: Civilização e Cultura**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- NIETZSCHE, F. W. **A filosofia na era trágica dos gregos**. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- _____. **Ecce homo: de como a gente se torna o que a gente é**. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- _____. **Crepúsculo dos ídolos, ou, Como filosofar com o martelo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- _____. **Assim falava Zaratustra**. São Paulo: Ed. Escala, 2008.
- NUNES, B. **O Drama da Linguagem: uma leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- _____. **O Dorso do Tigre**. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- _____. **No tempo do niilismo**. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- ROSSET, C. **Alegria: a força maior**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- _____. **O real e seu duplo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- _____. **Lógica do Pior**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.
- TILLICH, P. **A coragem de Ser**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.